

Aura e imaginário

Produção em revista

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – Rede JIM
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Aura e imaginário

Produção em revista

Juremir Machado da Silva



Editora Sulina

Copyright © Juremir Machado da Silva, 2021

Capa: Like Conteúdo

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Álvaro Larangeira

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

S586a Silva, Juremir Machado da

Aura e imaginário: produção em revista / Juremir Machado da Silva.

– Porto Alegre: Sulina, 2021.

136p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-032-4

1. Comunicação Social. 2. Sociologia da Comunicação. 3. Mídia –
Imaginário. I. Título.

CDU: 316.77

CDD: 301.16

302.23

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Abril/2021

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
Sobre o conceito de aura em Walter Benjamin.....	15
Cinco versões de imaginário.....	23
Campo e verdade na cultura	33
Michel Maffesoli, da ecosofia aos coletes amarelos.....	43
Georges Bataille e a teoria da religião: uma questão de comunicação	59
Reportagem histórica como procedimento narrativo	71
Em torno de uma noção baudrillardiana	89
Edgar Morin, simplesmente complexo	101
Gilberto Freyre, o clássico injustiçado.....	105
Da teoria da embalagem à transparência total de Julian Assange.....	123

Prefácio

Poros abertos

Álvaro Nunes Larangeira¹

Livro aurático. *Mapa-vitae* da produção intelectual multidisciplinar em artigos acadêmicos nos últimos onze anos de um pesquisador em aberto *ad aeternum*. Pegadas do investigador intra-áreas, caminhante por campos afins, contrapostos e distantes. Feixe do espírito da especificidade descampada. Olhar macromicroscópico e abordagem micromacrosscópica. Registro da relação univitelina do autor com o conhecimento. Comunicação, Sociologia, História, Antropologia, Filosofia, Literatura, Religião, Epistemologia, Cultura...Vida. A obra “Aura e imaginário” nos traz temas monográficos transformados em princípios gerais e portais para intermináveis lincamentos. Juremir Machado da Silva é um polímata da Comunicação e, por esta razão, é um dos continentes no mapa-múndi da área no Brasil.

Formular enunciados de cepa universal a partir do ponto recortado é, ilustra Karl Popper em “A lógica da pesquisa científica”, lançar a rede das teorias para capturar o mundo. Esmerilhar, depurar, entender, abri-lo. Compreendê-lo sob o paradigma da complexidade moriniana: a inteligibilidade da parte com o todo; ligar os elementos aos conjuntos e sistemas; consideração à tetralogia simbiótica ordem-desordem-interações-organização; a incontor-

¹ Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de Coimbra e doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Integra a Rede de Pesquisa Jornalismo, Imaginário e Memória – REDE JIM.

nável relação entre o observador e o observado e o princípio de distinguir o objeto de estudo sem o separar do seu ecossistema. Pensar é fazer comunicar. É tesificar, nos dois sentidos: naquele mesmo, pensado na primeira leitura da palavra; e no de Umberto Eco, de fazer do exercício intelectual um gerador de teses. Juremir tesifica todos os seus textos. Temos neste livro um conjunto de teses, a saber.

No inédito artigo “Sobre o conceito de aura em Walter Benjamin” a cura – o resgate da aura – é protagonizada pelo veneno – a reprodutibilidade técnica. A cópia magífica a obra e “só o que é muito copiado tem aura”, apregoa o autor. A sacração do objeto pelas massas ou públicos se dá por meio deste processo. O desafio na atual exacerbação tecnológica é a cópia encontrar um objeto para contemplá-lo com a aura. Em “Cinco versões de imaginário”, às representações do imaginário como atmosfera, ficção comparatilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva, Juremir, referência no tema, acrescenta a sua leitura: a do excedente de significação. Imaginário é tudo aquilo para o qual o planejamento, a segurança, a certeza, a cientificidade e o racionalismo fazem cara feia e torcem o nariz. O imaginário é o lençol freático pelo qual passam as águas irrigadoras da existência.

Prosopografias tésicas são reservadas aos franceses Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin – trio cardeal na trajetória acadêmica do autor – e ao sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Maffesoli, emblema do vitalismo, do estar-junto, do tribal. Intérprete original do singular – como no episódio das manifestações dos coletes amarelos em Paris – e do geral, a sociedade contemporânea e seus fenômenos. O ser humano, nômade e gregário por natureza, é o enraizamento na vibração em comum dos laços sociais, eternos enquanto duram. Em Baudrillard, a leitura é distinta, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Im-

peram a ironia e o paroxismo. A propensão e gozo pelo extremo. Sujeito e sociedade eclipses da transparência total intransparente, nos diz Baudrillard, o pensador do fazer pensar e referência acadêmica avessa ao academicismo.

Situação complexa, ao gosto de Morin. O centenário pensador em atividade, redimensionador de percepções e pensamentos, pela sensibilidade e leveza com as quais complexifica o simplismo e clarifica o complexo. Edgar Morin, “o grande pensador da epistemologia do final do século XX e do início do milênio. [...] Completamente simples, simplesmente complexo”. Na sequência deste veio de reconhecimento temos Gilberto Freyre, a quem Juremir atribui o pioneirismo “na valorização do papel da comunicação na cultura brasileira”. Freyre expôs o relacional, a comunicação em estado primevo, a rede de interações interpostas, contradições, confluências, falas e silêncios. A dominação dos colonizadores e senhores acobertada pela complacência do delay da história. “Por incrível que pareça, em pleno século XXI, continua faltando a muitos teóricos da comunicação a maleabilidade proposta e praticada pelo velho conservador de Apipucos.”

Por fim, duas outras teses merecem referência: a reportagem jornalística como narrativa lítero-histórica e a supremacia da embalagem sobre o conteúdo. Em “Reportagem histórica como procedimento narrativo”, o autor é categórico: “Num arroubo conceitual seria possível sustentar que biografias, romances de não ficção, etnografias antropológicas, pesquisas de campo de todos os tipos e descrições históricas são sempre grandes reportagens”. A grande reportagem interseccionaria Jornalismo, História e Literatura, integrando a técnica do escritor, o conhecimento do historiador e o imaginário do jornalista. Sob as técnicas da reportagem a narrativa desvelaria aquilo por diversas razões acobertado. Na verdade, esta proposição, à maneira baudrillardiana de interven-

ções na diagonal, objetiva questionar: estaria o estamento científico apto a assentir com esta ideia? A ver.

No último artigo do livro, “Da teoria da embalagem à transparência total de Julian Assange”, Juremir apresenta a sua Teoria da embalagem. A relação embalagem-conteúdo passa por três fases: na primeira, a clássica, a embalagem reveste o produto; na segunda, a embalagem ganha destaque para despertar a curiosidade sobre o conteúdo; e na terceira, a embalagem toma o lugar do conteúdo. Este passa a ser completamente descartável: “Assim como um anúncio publicitário não precisa mais falar de um produto, ficando livre para evocar as mais diversas situações, especialmente aquelas que em nada remetem ao produto, liberando-se de qualquer cobrança ou de qualquer compromisso, também a embalagem tornou-se, enfim, independente do conteúdo”. Provoações assim dão substância e luz a uma obra.

Um livro dá ao leitor a sensação de ser diferente – explicava o capitão Beatty, queimador-mor de livros e chefe dos Bombeiros em “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury, para justificar o atrativo perigoso da leitura para a sociedade. “Aura e imaginário” tem disso, pois se expressa como “instrumento de unificação, de difusão de ideias e de inseminação intelectual”. Se para Beatty os livros eram temidos e arriscados porque mostram os poros da face da vida, o livro de Juremir Machado da Silva quer mostrar a alma inteira do autor, o mosaico dos olhares possíveis a cada análise e os vitrais formados a cada leitura. No fundo, o propósito maior da junção destes 10 artigos é homenagear esta luminescência chamada livro, porque é este quem faz de todo leitor uma aura.